

Os Contos de Canterbury

Geoffrey Chaucer

Trad. Paulo Vizioli

O Conto da Mulher de Bath

Prólogo do Conto da Mulher de Bath.

“Ainda que neste mundo não existissem os ensinamentos da autoridade, a mim bastaria a experiência para falar dos males do matrimônio: e isso, cavalheiros, porque desde os meus doze anos de idade (louvado seja Deus, que tem a vida eterna, por ter-me permitido casar-me tantas vezes) tive já cinco maridos à porta da igreja — e todos homens de bem, à sua maneira.

“Não faz muito, entretanto, disseram-me que, como Cristo só compareceu uma vez a um casamento — às bodas de Caná da Galileia —, quis ensinar-me com essa atitude que eu só deveria casar-me uma vez. Pensem também nas palavras duras que a esse propósito proferiu junto da fonte Jesus, homem e Deus, ao repreender a mulher samaritana: ‘Tiveste cinco maridos’, disse ele, ‘e o homem com quem vives não é teu marido’. Foram essas as suas palavras. Mas não faço a menor ideia do que querem dizer, pois não entendo por que motivo o quinto homem não era marido da samaritana. Quantos, afinal, ela podia desposar? Até hoje, pelo que eu saiba, ninguém definiu esse número. Por isso, deixo que os outros façam as suas suposições e as suas interpretações; quanto a mim, o que sei é que Deus, expressamente e sem mentira, ordenou-nos claramente isto: ‘Crescei e multiplicai-vos!’. E esse texto gentil entendo muito bem.

“Também sei que Ele mandou que meu marido deixasse pai e mãe para unir-se a mim. Mas não fez qualquer alusão a

números, se podia ser bigamia ou ‘octogamia’. Sendo assim, por que é que todo mundo critica quem se casa muitas vezes?

“Vejam, por exemplo, o caso daquele sábio rei, Dom Salomão: teve tantas esposas que oxalá me fosse concedida metade das alegrias que ele conheceu! Que dádiva de Deus possuir todas aquelas mulheres! Nenhum homem neste mundo teve a mesma sorte. Como sei das coisas, posso bem imaginar as alegres investidas que o vigoroso soberano, naquela boa vida, deve ter feito em suas noivas em cada noite de núpcias. Dou graças a Deus que tive cinco maridos; e bem-vindo seja o sexto, venha lá quando vier! Como não pretendo fechar-me numa vida de castidade só porque meu marido deixou este mundo, é natural que venha logo outro cristão e me despose, pois, como afirma o Apóstolo,^[130] sou livre para casar-me, em nome de Deus, quantas vezes me aprouver. E foi ele também quem nos garantiu que o casamento não é pecado: é melhor casar que arder. Que me importa que as pessoas falem mal do infeliz Lameque e de sua bigamia?^[131] Abraão, assim como Jacó, eram homens santos; no entanto, pelo que me é dado saber, ambos tiveram mais que duas mulheres. E não foram os únicos.

“Eu gostaria que me mostrassem onde e quando Deus altíssimo condenou expressamente o matrimônio. Digam-me, por favor. E onde ordenou Ele a virgindade? Sem dúvida, sei tão bem quanto vocês que, quando o Apóstolo Paulo falou da virgindade, reconheceu não ter qualquer preceito sobre o assunto: pode-se aconselhá-la às mulheres; mas aconselhar não é o mesmo que ordenar. Na verdade, ele a deixou a nosso critério. Mesmo porque, se Deus tivesse imposto a castidade, teria com isso automaticamente proibido o casamento; e se a semente não pudesse ser plantada, como é que a virgindade iria crescer? De modo algum o Apóstolo ousaria exigir uma coisa que não tivesse sido determinada pelo seu Senhor. Na corrida da vida o prêmio

está reservado à castidade: irá recebê-lo quem melhor souber competir. Nem todos, porém, estão preparados para isso; somente o estão os eleitos pela vontade de Deus. Lembro-me bem de que o próprio Apóstolo escolheu o celibato; mas, apesar de haver dito e escrito que gostaria que todos seguissem o seu exemplo, tudo o que fez foi aconselhar a castidade. Portanto, já que a sua tolerância consentiu que eu me casasse, não vejo nada de reprovável em contrair núpcias toda vez que me morre um companheiro — sem por isso ser acusada de bigamia. Embora o Apóstolo tenha dito que é melhor para um homem não tocar em mulher (ele quis dizer no catre ou na cama, porque é perigoso aproximar fogo de estopa... e vocês sabem a que essa imagem se refere), toda a questão se resume nisto: ele achava o celibato superior ao casamento por fraqueza (e só não é fraqueza quando o casal resolve passar a vida inteira sem contatos carnavais). De minha parte, posso garantir-lhes que, ainda que eu reconheça que o celibato seja realmente superior ao casamento, não tenho inveja alguma da virgindade: quem quiser ser puro de corpo e alma que o seja. Por outro lado, também não costumo gabar-me de minha posição. Afinal, nem todas as vasilhas na casa de um fidalgo são de ouro; algumas são de madeira, e, nem por isso, deixam de ser úteis. Deus tem muitos caminhos para chamar-nos a Si, concedendo a cada um uma dádiva diferente, a um isto e a outro aquilo, conforme a sua vontade. A virgindade, ligada à devoção e à abstinência, pode significar a perfeição; mas Cristo, que é a própria fonte da perfeição, não exigiu, por exemplo, que todos os homens vendessem o que têm, dessem tudo para os pobres e seguissem as suas pegadas: Ele apenas recomendou isso aos que desejam viver na perfeição... e, com a devida licença, cavalheiros, eu não desejo. Prefiro ver a flor da minha existência frutificar nos atos do matrimônio.

“Além disso, gostaria que me dissessem: qual a finalidade dos órgãos de reprodução? E por que foram formados desse modo tão engenhoso? Acreditem-me, se foram feitos, é lógico que foram feitos para alguma coisa! Digam o que quiserem — como dizem mesmo por aí —, que servem para a excreção da urina, ou então para distinguir fêmea de macho e nada mais... não é o que dizem? A experiência, contudo, prova que não é bem assim. Espero que os doutos não se zanguem comigo, mas, na minha opinião, eles foram feitos para as duas coisas, isto é, para o serviço e para o prazer da procriação (dentro do que a lei de Deus estabelece). Se não fosse assim, por que está escrito nos livros que o marido tem a obrigação de pagar seu débito à mulher? E como poderia ele pagar o seu débito, a não ser usando aquele seu instrumentinho engraçado? Por isso, a conclusão só pode ser uma: eles existem tanto para a purgação da urina quanto para a concepção.

“É claro que não estou afirmando que todo mundo, só porque está dotado do equipamento de que falei, tem que sair por aí a gerar filhos: nesse caso, ninguém se importaria com a castidade. Cristo era virgem, em forma de homem; e muitos outros santos, desde que o mundo começou, sempre viveram em perfeita pureza. Eu mesma, porém, como disse, não invejo a virgindade: eles podem continuar sendo o pão de trigo refinado; mas deixem que nós, mulheres, sejamos o pão de cevada... E não foi com pão de cevada, como narra São Marcos, que Nosso Senhor Jesus alimentou a multidão? Aceito a condição que Deus me destinou; não sou exigente. Por isso, no casamento sempre hei de usar o meu aparelhinho com a mesma generosidade com que ele me foi dado pelo Criador. Que Deus me castigue, se um dia eu me tornar difícil: ele estará noite e dia à disposição de meu marido, sempre que sentir vontade de vir pagar seu débito. Podem estar certos de que não vou criar problemas se ainda tiver

outro marido, pois ele será meu devedor e meu escravo, devendo descontar na carne as suas atribulações, enquanto eu for sua esposa. Seu corpo pertencerá a mim, e não a ele, durante toda a vida, porque foi assim que o Apóstolo nos ensinou, ordenando a nossos maridos que nos dessem seu amor. Eis aí uma sentença que me agrada muito.”

Nesse ponto, o Vendedor de Indulgências a interrompeu: “Por Deus e por São João! Que grande pregadora a senhora está se revelando a respeito desse tema! Eu mesmo estava para casar-me; mas então pensei — ai! por que pagar tão alto preço, com meu próprio corpo? E decidi assim ficar solteiro”.

“Um momento”, disse ela, “ainda nem comecei a minha história. Não, se não esperar que eu continue, provavelmente irá beber de outro barril, mais amargo que a cerveja escura. Só quando eu concluir o meu relato de como o matrimônio é um flagelo (e disso posso falar de cátedra, porque o flagelo tenho sido eu mesma), é que você saberá se convém ou não provar do barril de que ora estou tratando. De qualquer forma, tome cuidado antes de chegar perto, pois vou dar mais de uma dezena de exemplos. ‘Quem não aprende com os outros, com ele os outros aprenderão’: são essas as sábias palavras que Ptolomeu escreveu em seu *Almagesto*, onde poderá encontrá-las.”

“Senhora”, prosseguiu o Vendedor de Indulgências, “se não fizer objeções, rogo-lhe que continue a narração de seus casos, sem poupar a quem quer que seja, instruindo a nós, jovens inexperientes, com sua prática.”

“Com prazer”, respondeu ela, “se for de seu agrado. Antes, porém, peço a todos os companheiros que, como sempre falo o que me vem à cabeça, não levem a mal minhas palavras. Mesmo porque meu único propósito é diverti-los.

Muito bem, senhor; creio que agora posso prosseguir com minha história. E que eu nunca mais beba vinho nem cerveja, se o

que eu disser for mentira: dos maridos que tive, três eram bons, e dois, ruins. Os três bons eram ricos e velhos; e era só com muito sacrifício que conseguiam manter de pé o Artigo que, segundo a lei, nos unia (vocês sabem o que quero dizer com isso). Deus me perdoe, mas ainda rio quando me recordo de como os fazia trabalhar à noite sem piedade! E juro como fazia isso desinteressadamente: sim, porque eles já haviam passado em meu nome todos os seus bens e terras, de modo que eu não tinha necessidade alguma de agradá-los ou de esforçar-me para conquistar o seu afeto. Deus do Céu, já que tinham tanto amor por mim, eu não tinha por que lutar por seu amor. A mulher prudente, quando precisa do marido, deve fazer de tudo para cativá-lo; mas eu, que tinha a todos na palma da mão e já era dona das suas propriedades, por que razão iria satisfazê-los, se não fosse também por minha conveniência e meu prazer? É esse o motivo, palavra, porque os punha a trabalhar à noite e os fazia gemer “Ai, ai de mim!”. Eles nunca poderiam ser contemplados com a manta de toucinho que em Dunmow, no condado de Essex, se oferece anualmente como prêmio ao casal perfeito. Eu os dominava de tal forma, que eles ficavam alegres e felizes só de me trazerem coisas de presente do mercado. E também se davam por satisfeitos quando eu os tratava bem, pois normalmente, sabe Deus, eu ralhava com eles sem parar.

Vejam como eu trazia tudo nos eixos: as esposas inteligentes, que entendem das coisas, sabem que o melhor é manter os maridos sempre na defensiva... pois os homens não conseguem jurar e mentir nem a metade do que as mulheres costumam. É claro que não estou dizendo isso para as mulheres experientes, e sim para aquelas que precisam de uma boa orientação. A experiente, que tem as armas para defender-se, não só é capaz de convencer o marido enganado de que a gralha linguaruda que a denuncia está maluca, mas também chama a

própria criada como testemunha de sua inocência. Mas ouçam o que eu costumava dizer:

“Escute aqui, oh velho preguiçoso, então é assim que se faz? Sabe por que a mulher do vizinho está sempre contente? É porque todos lhe dão atenção quando sai à rua! Ao contrário de mim, que nem posso sair de casa porque não tenho sequer um vestido decente para usar. E o que você vive fazendo na casa dela? Você a acha tão bonita? Está apaixonado? Valha-me Deus, pensa que não o vejo a cochichar com a criada? Bode velho, não percebe que o tempo de farras já passou? Mas eu, se tenho um confidente ou um amigo e dou um pulo à casa dele para distrair-me, você me cai em cima como um demônio, acusando-me de coisas que nunca fiz. Chega da rua bêbado como um gambá, e lá do seu banquinho — ele que leve a breca — põe-se a me fazer sermões, falando da desgraça que é casar-se com uma pobretona, por causa da despesa. Quando a mulher é rica e de alta classe, você diz que é um tormento suportar o seu orgulho e a sua melancolia; quando é bonita, canalha, diz que cede ao primeiro conquistador que surge à sua frente, pois, com tantas investidas, não há castidade que resista.

“Você diz que um nos quer por nossas riquezas, outro por nosso porte, outro por nossa formosura, outro porque sabemos cantar ou dançar, outro porque somos graciosas ou provocantes, outro por causa dos braços e das mãos pequenas... na sua opinião, vamos todas para o diabo! Diz você que ninguém defende os muros do castelo quando o cerco é geral e demorado. E, quando a mulher é feia, você acha que se entrega ao primeiro em que puser os olhos, saltando sobre ele como um cachorrinho doido para encontrar alguém que o compre. De acordo com você, não há gansa no lago, por mais cinzenta que seja, que dispense um companheiro; mas, por outro lado, é difícil para um homem manter uma coisa que ninguém faz questão de possuir. É o que

você diz, vagabundo, quando vai para a cama. E mais: que um homem inteligente não tem necessidade de casar-se, principalmente se pretende entrar no Céu... Que o raio enfurecido e o relâmpago de fogo lhe partam o pescoço murcho! Você diz que a goteira, a fumaça e a mulher rabugenta são as três coisas que espantam o homem de sua casa. Ah, ouça-me Deus! Que bicho o mordeu, para o velho resmungar assim? E, como se não bastasse, você diz que nós mulheres escondemos os nossos defeitos até casarmos, mas depois nos mostramos como realmente somos... Um ditado desses só podia mesmo vir da boca de um pilantra! E ainda você diz que bois, burros, cavalos e cachorros são experimentados várias vezes antes da compra, e o mesmo se faz com tigelas, bacias, colheres, banquinhos e outras tralhas, assim como panelas, roupas e adereços... mas que ninguém experimenta as mulheres antes do casamento — velho caduco e pilantra! — e, por isso, os seus defeitos só aparecem depois. Também diz que me aborreço quando você não elogia minha beleza, não fica de olhar pregado em meu rosto nem me chama de ‘minha senhora’ em toda parte, não me presenteia quando faço aniversário nem me compra roupas bonitas, não trata bem minha criada, nem minha camareira em meu quarto, nem os parentes de meu pai e seus amigos... não é o que diz, velho tonel de mentiras? E, no entanto, fica aí injustamente desconfiado de Janekin, o nosso aprendiz, só porque tem cabelos cacheados, que brilham como o ouro fino, e é gentil comigo sempre que me vê. Pois saiba que não o quero, nem que amanhã você morra!

“Mas agora diga-me uma coisa, desgraçado: por que você escondeu as chaves do baú? Pelos Céus, ele é tanto meu quanto seu. O que é isso, quer me fazer de boba? E não adianta ficar bravo, pois juro por São Tiago que você vai ter que escolher entre

meu corpo e meu dinheiro; de um deles terá que abrir mão; pode até se arrebentar.

“E o que significa essa história de andar me investigando e espionando? O que você gostaria mesmo era de me ver trancada em seu baú! Mas isto é o que você deveria dizer-me: ‘Mulher, pode ir aonde quiser, distraia-se, não acredito em boatos. Sei que você é fiel, dona Alice’. Nós não amamos os homens que estão sempre querendo saber aonde vamos; gostamos de liberdade. Entre todos os homens, bendito seja o sábio astrólogo Dom Ptolomeu, que escreveu este provérbio no *Almagesto*: ‘O homem mais inteligente é aquele que não se preocupa em saber quem tem o governo do mundo’. Por esse adágio se deve entender que aquele que tem o suficiente não precisa ficar reparando na felicidade dos outros. Com licença, mas aí está, velho caduco: por que tanta preocupação, se você sabe que à noite não vai passar sem a sua boceta? Deve ser muito avaro o homem que não permite que um outro acenda uma vela em seu candeeiro; não é por causa disso que ele vai ter luz de menos. Se você tem o suficiente, por que vive a se queixar?

“Você diz, além disso, que quando nos vestimos bem, com trajes e joias de valor, colocamos em perigo a nossa castidade, reforçando essa afirmação infeliz com a citação destas palavras do Apóstolo: ‘Da mesma sorte que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom-senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso’. Dou menos importância que um mosquito a este seu texto e às suas ordens. Na sua opinião sou como o gato: quando o dono lhe chame o pelo ele não quer saber de rua; mas, quando está macio e lustroso, ele não para em casa meio dia, e, antes que o sol desponte, já sai para mostrar-se e dar miados por aí. Naturalmente, o que você quer dizer com isso — não é, burro? — é que, se me visto bem, é só para exibir a minha roupa. Velho

tonto, que adianta espionar-me? Ainda que você implorasse a Argos dos cem olhos para ser meu guarda-costas (e melhor que ele não há), por minha fé, ele só terá a minha guarda se eu quiser: eu haveria de enganá-lo em suas próprias barbas, assim como engano você!

“Você falou também que ‘sob três coisas estremece a terra, ^[132] e sob uma quarta ninguém pode subsistir’. Meu ilustre ignorante (que Jesus lhe encurte os dias!), como você tem coragem de apregoar que a ‘odiosa’ mulher é tida como uma dessas desgraças? Será que é tão grande assim a falta de ideias apropriadas para as suas parábolas que você tem que incluir nelas a coitada da mulher?

“Além disso, você adora comparar o amor da mulher com o inferno, com a terra árida onde a água não mora, e também com o fogo sem controle, que quanto mais queima mais deseja consumir tudo o que é inflamável. E depois afirma que assim como o verme aniquila uma árvore, assim também a mulher destrói o marido... como bem sabem todos os que estão presos aos vínculos do matrimônio.”

Cavalheiros, como veem, era assim, sem tréguas, que eu acusava meus maridos velhos de dizerem essas coisas quando estavam bêbados... Era tudo mentira, é claro, mas eu chamava Janekin como testemunha, e também minha sobrinha. Oh Senhor, pela santa paixão de Cristo, que dores e sofrimentos os fiz passar sem culpa! De fato, eu mordida e rinchava como uma égua e punha a boca no mundo quando estava errada, mesmo porque, se não fizesse isso, em belas enrascadas me veria. Quem chega primeiro ao moinho é quem mói primeiro a farinha; como era a primeira a me queixar, ganhava todas as paradas. Eles ficavam felizes em se desculparem, mais que depressa, das culpas que não tinham. Acusava-os de aventuras com mulheres até quando mal se aguentavam em pé por causa da doença; e, ainda por cima,

sentiam-se lisonjeados, tomando isso como prova de minha grande paixão por eles. Também jurava que minhas saídas à noite eram para espionar os seus encontros amorosos; e, graças a essa desculpa, pude ter muitas alegrias. Pois esses talentos já nasceram conosco: Deus quis que as mentiras, as lágrimas e as intrigas fizessem parte da natureza da mulher, em todas as idades. Por isso, há uma coisa de que me orgulho muito: no fim das contas, eu sempre levava a melhor em tudo, de um jeito ou de outro, por esperteza ou à força, e sempre com resmungos e queixumes. Era na cama, principalmente, que eu judiava deles, xingando-os, evitando as suas carícias e ameaçando levantar-me quando tentavam me abraçar; e só depois que me pagavam o resgate é que eu, finalmente, consentia que fizessem o seu trabalhinho. É por isso que sempre digo a todos os homens: compre quem for capaz, porque tudo está à venda; ninguém consegue atrair um falcão com as mãos vazias. Era por causa do lucro que eu suportava a luxúria dos três primeiros maridos, e até demonstrava um apetite fingido — pois nunca tive predileção por carne seca. E era por isso também que eu os repreendia tanto, não os poupando à própria mesa, nem que, ao lado deles, estivesse sentado o Papa. Podem crer, eu não deixava palavra alguma sem troco; e, se agora mesmo tivesse que fazer meu testamento, juro, pelo Deus verdadeiro e onipotente, que não encontraria um desaforo que eu não tivesse saldado. Eu agia sempre com tal habilidade que eles achavam melhor desistir, pois, caso contrário, não teriam paz; e, embora parecessem leões furiosos, não sabiam dar o bote.

E então eu vinha e dizia: “Querido, repare como é doce o nosso carneirinho Willikin! Venha para perto de meu marido, deixe-me dar-lhe um beijinho... É manso e paciente assim que você precisa ser, com muita delicadeza de consciência, já que você vive elogiando a paciência de Jó; e como sabe pregar bem,

pratique o que prega, senão prometo que vamos ensiná-lo como é bom estar em paz com a mulher. Um de nós dois tem que baixar a cabeça, quanto a isso não resta dúvida; e como o homem é mais ajuizado que a mulher, é você quem deve se conformar. De que adiantam bufos e resmungos? É porque você não quer repartir minha boceta com ninguém? Ora, não seja por isso... ela é toda sua! Por São Pedro, eu só não o amaldiçoo porque você gosta mesmo dela. Se eu quisesse vender a minha *belle chose*, aposto como andaria por aí bonita como uma rosa. Mas vou guardá-la só para o seu bico. Ah danadinho, juro por Deus que é verdade!”. Eu sempre tinha essas palavras de prontidão para contornar as dificuldades. E agora vou falar de meu quarto marido.

Meu quarto marido era um farrista... ou seja, tinha uma amante. E eu ainda jovem, cheia de vida, teimosa, forte, e alegre como uma pega! Como eu dançava ao som de uma pequena harpa! E como cantava igual a um rouxinol, depois de tomar um gole de vinho doce! Metélio,^[133] aquele cafajeste sujo, aquele porco, que matou a mulher a pauladas só porque ela gostava de vinho, se fosse meu marido não seria capaz de separar-me da bebida. E, depois do vinho, o que mais me agrada é Vênus, pois, assim como o frio traz o granizo, uma boca sequiosa traz um rabo quente. Qualquer conquistador barato sabe, por experiência, que a mulher que bebeu fica indefesa.

Senhor meu Jesus, quando me lembro dos tempos em que era jovem e bonita, meu coração até bate mais depressa... ainda hoje sinto lá dentro uma satisfação enorme só de pensar como aproveitei bem a vida enquanto pude. Mas depois veio a idade, que envenena tudo, e me roubou a beleza e o vigor... Não faz mal. Adeuzinho! Vão para o diabo! Acabou-se a farinha, não há o que discutir: agora faço o que posso para vender o farelo, sem perder a alegria de viver. Mas deixem-me falar de meu quarto marido.

Confesso que, no íntimo, fiquei muito despeitada por ele ter ido procurar outra. E paguei-o na mesma moeda, por Deus e por São Judoco: armei-lhe uma cruz do mesmo lenho — não com meu corpo, de modo pecaminoso (é claro); simplesmente fui tão coquete com os outros homens, que ele, de raiva e de ciúme, acabou frito na própria gordura. Por Deus, creio que sua alma agora deve estar no Paraíso, porque aqui na terra eu já fui seu Purgatório. Deus é quem pode dizer as vezes em que ele se sentava e gemia quando os sapatos lhe apertavam sem piedade os pés! Mesmo porque só Deus e ele sabem as terríveis agruras que, de um jeito ou de outro, o fiz passar. Ele morreu quando voltei de Jerusalém, e foi enterrado no transepto da igreja — embora num sepulcro bem menos trabalhado que aquele que Apeles teria esculpido para Dario. Sepultá-lo com luxo seria desperdício. Deus o guarde e lhe dê a paz eterna; finalmente descansa no seu túmulo e no seu caixão.

E agora quero contar-lhes a respeito de meu quinto marido... não permita Deus que sua alma se dane, apesar de ter sido o mais duro de todos. Acho que até o dia de minha morte vou sentir as pancadas que me deu em cada uma das costelas. Mas era tão animado e fogoso na cama, e sabia ser tão atraente quando desejava a minha *belle chose*, que, ainda que tivesse acabado de quebrar-me os ossos um a um, imediatamente reconquistava o meu amor. Acho que eu gostava mais dele porque era o que me tratava com maior desdém. Se não minto, nessa questão nós mulheres nos guiamos por uma fantasia caprichosa: ficamos o dia inteiro a implorar e a cobiçar tudo aquilo que não está facilmente a nosso alcance. Proibam-nos uma coisa, e nós choramos por ela; fugimos dela, no entanto, quando nos é ofertada. É com pouco-caso que expomos nossa mercadoria: os preços altos estimulam a procura, e ninguém dá valor ao que é barato. Toda mulher inteligente sabe disso.

Meu quinto marido — Deus o guarde —, com quem me casei por amor e não por interesse, tinha sido estudante em Oxford; depois, tendo deixado a escola, veio morar em nossa cidade, onde se tornou pensionista de uma minha comadre, de nome Alisson — Deus a tenha em bom lugar! Nem o cura da paróquia conhecia meu coração e minha vida tão bem quanto ela, pois todos os segredos meus e os que meu quarto marido me confiava — desde a mijada que dera num muro até um erro que poderia custar-lhe a vida — eu revelava a ela somente — além de a uma outra senhora de respeito, e a minha sobrinha, por quem eu tinha muita estima. E fazia isso com tanta frequência que — sabe Deus — muitas vezes ele corava de vergonha, e se culpava por me haver contado coisas tão pessoais.

E aconteceu então que, numa Quaresma... eu costumava visitar minha comadre, pois sempre gostei de movimento, de andar de casa em casa, março, abril e maio, para ouvir os mexericos... e então aconteceu que Janekin, o estudante, dona Alisson, minha comadre, e eu própria fomos juntos passear pelos campos. Como meu marido devia passar toda a Quaresma em Londres, isso me deixava com mais liberdade para divertir-me, para ver pessoas interessantes e para ser vista por elas... pois como eu podia saber o que o destino me reservava de bom, e em que lugar? Por isso, eu estava sempre participando de procissões e vigílias, pregações e romarias, peças de milagres e casamentos, e sempre com minhas alegres roupas vermelhas... Nenhum bichinho, verme ou traça — juro como é verdade — jamais pôde atacá-las. E sabem por quê? Porque eu não as tirava do corpo.

Mas deixem-me contar o que aconteceu então. Como eu dizia, estávamos a passear pelos campos, quando comecei a brincar com esse estudante; e, por precaução, cheguei-me a ele e disse-lhe que, se ficasse viúva, era com ele que eu queria casar-me. De fato, sou muito prevenida — tanto nessa questão de

casamento como em outras coisas —, pois sempre achei que o rato que só tem um buraco para esconder-se está perdido: se falha aquele, acabou-se a brincadeira. Eu o fiz acreditar então que estava caidinha por ele (foi minha mãe quem me ensinou esse truque), contando-lhe que havia sonhado com ele a noite inteira: eu estava deitada de costas e ele queria me estripar, e minha cama ficou toda coberta de sangue... “Mas espero que seja um bom sinal, porque me disseram que o sangue significa ouro.” É claro que era tudo mentira, eu não tinha sonhado com ele coisa nenhuma; era só que, nisso e em outras coisas mais, eu gostava de seguir os conselhos de minha mãe. E foi então, cavalheiros... vejamos, o que é mesmo que eu ia dizer? Ah sim, por Deus, já tenho o fio da meada.

No dia do velório de meu quarto marido, eu me lamentava e chorava o tempo todo, como costumam fazer as viúvas, cobrindo o rosto com um véu. Posso assegurar-lhes, porém, que as lágrimas de verdade eram poucas, mesmo porque eu já estava com o próximo casamento em vista.

Na manhã seguinte meu finado marido foi levado para a igreja, em meio às demonstrações de luto dos vizinhos. E entre eles se achava Janekin. Meu Deus, quando o vi atrás do féretro e bati os olhos naquele par de pernas tão bonitas e benfeitas, senti que daquela hora em diante meu coração lhe pertencia. Calculo que ele devia ter uns vinte anos; e eu quarenta, se não minto... Mas meu apetite sempre foi de jovem. Não é à toa que tenho esta janela entre os dentes, que é considerada a marca e o selo da Sagrada Vênus. Deus me valha, que sempre fui muito sensual... além de bonita, rica, jovem, bem situada, e (como não se cansavam de dizer os meus maridos) dona da melhor cona que existe. A realidade é que, no sentimento, sou toda venusina, enquanto meu coração é marciano; Vênus me deu o desejo, a lascívia; e Marte, a teimosa persistência. Meu ascendente no

horóscopo estava em Touro, com a presença do planeta Marte... Ai, ai, por que o amor tinha que ser pecado? Sempre segui a inclinação imposta por meu signo: por conseguinte, nunca fui capaz de negar minha câmara de Vênus a um rapaz atraente. Por outro lado, trago o sinal de Marte impresso em minhas faces — e também em outra parte mais íntima. O resultado, Deus me perdoe, é que nunca amei com moderação, entregando-me completamente a meus impulsos, fosse o homem baixo ou alto, escuro ou claro. Também nunca procurei saber qual a sua fortuna ou posição social; tudo o que importava era que gostasse de mim.

Depois disso, o que posso dizer é que, ao cabo de um mês, o alegre Janekin, que era tão encantador, já havia me desposado, em meio a grande pompa. E a ele confiei todos os meus bens e minhas terras, tudo o que amealhara em meus casamentos anteriores... Coisa de que mais tarde me arrependi amargamente, porque ele então resolveu não mais deixar-me fazer nada do meu jeito. Por Deus, uma vez, só porque eu rasguei uma folha de seu livro, ele me deu uma bofetada com tanta força que acabei ficando surda de um ouvido. Eu, porém, era teimosa como uma leoa e tinha um língua que era uma matraca, de modo que, apesar da proibição dele, continuei a proceder como sempre, andando de casa em casa. E ele, para domar-me, punha-se a pregar e a contar histórias de Roma antiga, lembrando como um tal de Simplício Galo deixou a esposa e a abandonou pelo resto da vida só porque um dia a viu espiar porta afora com a cabeça descoberta.

Também falava de outro romano, cujo nome me escapa, que, porque sua mulher comparecera aos jogos de verão sem o seu conhecimento, igualmente a repudiou; e depois procurava na Bíblia aquele provérbio do *Eclesiástico* que reza e ordena estritamente que o homem não deve permitir à mulher que zanze pelas ruas; e, para terminar, vinha sem falta este adágio:

“Quem sob um teto de salgueiro mora,
E num cavalo cego aplica a espora,
E deixa a esposa ir longe rezar fora,
Deve ser enforcado sem demora.”

Mas tudo inutilmente. Para mim não passavam de bagatelas ridículas todos esses provérbios e citações antigas, e eu não me corrigia. Odeio quem critica os meus defeitos — e Deus sabe que assim faz a maioria das mulheres, e até mais. E como não houvesse modo de submeter-me, meu marido ficava cada vez mais louco da vida comigo; eu não o suportava mais.

Mas agora, por São Tomás, vou contar-lhes a verdade por que rasguei aquela folha do livro dele e levei a bofetada que me deixou surda. Tinha ele uma obra que noite e dia estava sempre lendo com gozo e satisfação; dizia chamar-se *Valério e Teofrasto*,^[134] e suas páginas lhe provocavam boas gargalhadas. Além disso, havia outrora em Roma um clérigo, um cardeal, de nome São Jerônimo, que escrevera um livro contra Joviniano, que ele também possuía; e mais Tertuliano, Crisipo, Trótula, Heloísa, que era abadessa perto de Paris, os *Provérbios* de Salomão, a *Arte de Amar* de Ovídio, e muitos outros... e todas essas obras estavam encadernadas num só volume. E, como eu disse, noite e dia, sempre que dispusesse de um momento de lazer ou folga em suas ocupações, era seu costume tomar desse calhamaço e ficar lendo a respeito de mulheres pérfidas. Sabia mais lendas e casos sobre elas que sobre as mulheres virtuosas da Bíblia. Porque, podem crer, é impossível encontrar um letrado que fale bem das mulheres (a não ser nas biografias das santas; fora isso, nunca). É a velha fábula de Esopo: “Quem pintou o leão?”^[135] Vamos, digam-me!”. Por Deus, se, em vez dos doutos nos claustros, fossem as mulheres que escrevessem as histórias, veríamos mais maldade entre os homens do que todos os representantes do sexo de Adão poderiam redimir. Os filhos de Mercúrio e Vênus sempre operam

em sentidos contrários: Mercúrio ama a sabedoria e a ciência, enquanto Vênus prefere as festas e o esbanjamento. Devido a essas posições opostas, cada planeta tem sua queda na exaltação do outro; consequentemente — sabe Deus — Mercúrio se enfraquece em Peixes, signo em que Vênus se eleva, e Vênus cai onde Mercúrio está exaltado. Eis aí por que nenhuma mulher recebe elogios de um douto. E o douto, por sua vez, quando fica velho e não consegue mais prestar serviço a Vênus, mais inútil que um par de botinas rotas, tudo o que faz é ficar sentado o tempo todo, escrevendo, em sua caduquice, que as mulheres são infiéis no matrimônio.

Mas agora, por Deus, vou, como prometi, contar-lhes por que apanhei por causa de um livro. Uma noite Janekin, nosso esposo, estava sentado junto ao fogo, lendo aquele seu volume. Leu primeiro a respeito de Eva, cuja transgressão atirou na miséria toda a humanidade, levando Jesus Cristo a morrer por nós e a redimir-nos com o sangue de seu coração... Sim, por aí já se podia ver claramente como foi a mulher a causa da perdição do ser humano.

Depois, leu ele para mim a história de Sansão, que teve a cabeleira cortada com uma tesoura durante o sono, por obra de sua amante, e, devido a essa traição, ficou com ambos os olhos vazados.

Depois, se não minto, leu-me a respeito de Hércules e Dejanira, a qual provocou a morte do amado, levando-o a atear fogo em si mesmo.

Também não se esqueceu da dor e do sofrimento de Sócrates com suas duas mulheres, narrando como Xantipa, a ralhar com ele, despejou-lhe na cabeça um penico cheio de urina; o coitado, imóvel como um defunto, só se animou a dizer, enquanto limpava a sujeira: “Nem bem cessa o trovão, desaba a chuva”.

Achava ele particularmente picante, por causa da perversão, a história de Parsífa,^[136] rainha de Creta... Irra! Melhor nem falar dela: que coisa repugnante sua horrível devassidão e sua falta de gosto.

Leu também com muito interesse a respeito de Clitemnestra,^[137] cuja lascívia foi a traiçoeira causa da morte do esposo.

Depois meu marido me contou como Anfiarau perdeu a vida em Tebas, reproduzindo a história de sua esposa Erifile, que, a troco de um broche de ouro, revelou aos gregos o lugar de seu esconderijo secreto, o que determinou sua desgraça. Falou-me igualmente de Lívía e de Lucília: foram ambas responsáveis pelas mortes de seus respectivos maridos, aquela por ódio, esta por amor. Lívía, que detestava o consorte, uma noite o envenenou; Lucília, que amava perdidamente o esposo, e que tanto desejava ocupar-lhe sozinha os pensamentos, ministrou-lhe uma espécie de poção de amor, que veio a matá-lo antes do romper da aurora. E assim (demonstrava ele), de um jeito ou de outro, os maridos sempre se dão mal.

Em seguida, narrou-me ele o caso de certo Latúmio, que se queixava ao amigo Ário de uma árvore que lhe crescia no jardim, pois nela suas três esposas haviam-se enforcado de desgosto. “Oh meu caro irmão”, disse-lhe Ário, “arranje-me logo uma muda dessa árvore bendita para eu plantar no meu jardim!”

Leu-me depois sobre mulheres mais recentes, como a que havia matado o marido na própria cama e, a seguir, teve relações com o amante a noite inteira, sem se importar com o cadáver deitado de costas no chão; ou como aquela que dera cabo do esposo enquanto dormia, martelando-lhe um prego nos miolos; ou como aquela outra, que misturava veneno na bebida. Falava mais mal das mulheres do que a nossa mente pode imaginar, e conhecia mais provérbios a respeito delas do que há fios de relva neste mundo: “É melhor”, dizia, “viver com um leão ou com um

dragão horrendo do que com uma mulher que ralha o tempo todo”; ou então: “É melhor morar sozinho em cima do telhado do que debaixo dele com uma mulher rabugenta, pois elas são tão perversas e contraditórias que odeiam tudo o que os maridos apreciam”; ou então: “A mulher se livra da vergonha assim que se livra das roupas”; ou ainda: “A beleza em mulher pecadora é como uma argola de ouro no focinho de uma porca”. Ninguém sabe, ou sequer imagina, quanto isso me machucava o coração e me fazia sofrer!

Por isso, quando percebi que ele pretendia passar a noite inteira lendo aquele maldito volume, num impulso repentino arranquei-lhe três folhas do livro, enquanto ele ainda lia, e desferi-lhe tal soco no rosto que ele perdeu o equilíbrio e caiu de costas no fogo. Levantou-se então de um salto, como um leão endoidecido, e, com o punho, bateu-me com tanta violência na cabeça que vim ao chão desfalecida. Ao ver que eu não me mexia, ficou horrorizado, julgando-me morta; e teria fugido dali se eu, finalmente, não tivesse recobrado os sentidos: “Oh, você me matou, ladrão traiçoeiro?”, gemi; “foi por causa de minhas terras que você me assassinou? Assim mesmo, antes que eu morra, quero dar-lhe um beijo”. Ao ouvir isso, ele se aproximou e se ajoelhou junto a mim, dizendo: “Alice, minha querida, Deus me ajude, nunca mais vou bater em você. Se fiz isso, foi por sua culpa. Perdoe-me, eu lhe suplico!”. Aproveitei-me de sua proximidade e dei-lhe outro soco no rosto, gritando: “Bandido, estou vingada. Agora posso morrer; não preciso dizer mais nada”.

Mais tarde, porém, após lamentos e queixas, finalmente nos reconciliamos. Ele entregou o cabresto em minhas mãos, confiando-me a direção da casa e das terras, bem como o controle de sua pessoa — palavras, atos, tudo. E eu, sem perda de tempo, o fiz queimar o tal livro. E a partir do momento em que, graças à minha habilidade, recuperei o comando, e desde o instante em

que me disse: “Minha fiel mulherzinha, você é livre para fazer o que quiser; guarde a sua honra e proteja a minha dignidade”, nunca mais houve briga entre nós dois. Por Deus, fui tão compreensiva e tão fiel a ele, que da Dinamarca à Índia não se encontraria esposa igual. E assim também era ele comigo. Por isso, peço a Deus, em sua majestade, que lhe abençoe a alma com sua graça infinita. E agora, se estiverem de acordo, vou dar início a meu conto.

Eis o diálogo entre o Oficial de Justiça Eclesiástica e o Frade.

Riu-se o Frade ao ouvir isso: “Minha senhora”, disse ele, “guarde-me Deus, mas que longo preâmbulo para um conto!”. O comentário não agradou ao Oficial de Justiça Eclesiástica, que exclamou: “Ora, ora, pelos dois braços de Cristo! Por que é que os frades têm que se intrometer em tudo? Aí está, boa gente: em cada prato e em cada conversa sempre caem uma mosca e um frade! Que entende você de preambulação? Vá com calma, vá no trote, vá mijar, vá sentar-se, faça qualquer coisa, mas não venha perturbar a nossa diversão”.

“Ah, é isso o que deseja o senhor Beleguim?”, retorquiu o Frade. “Pode deixar, que nesta viagem ainda hei de contar uma ou duas histórias de beleguins, que vão fazer todo mundo aqui morrer de rir.”

“E eu, Frade”, ajuntou o Oficial de Justiça Eclesiástica, “vou lhe amaldiçoar a face, e a mim mesmo, se, antes de chegarmos a Sittingbourne, eu não narrar dois ou três casos de frades, que vão fazer seu coração gemer... Ainda mais que o senhor está enfezado desde já.”

“Silêncio agora mesmo!”, gritou nosso Albergueiro. “Deixem que a senhora conte a sua história. Até parece que vocês tomaram uma bebedeira de cerveja! Por favor, senhora, inicie seu conto, que é melhor.”

“Pois não, senhor”, respondeu ela, “como queira... Com a devida licença do ilustre Frade.”

“Concedida, minha senhora”, respondeu ele; “pode começar, que sou todo ouvidos.”

Aqui a Mulher de Bath conclui o seu Prólogo.

Aqui tem início o Conto da Mulher de Bath.

Nos velhos tempos do rei Artur, de quem os bretões narram os feitos gloriosos, em toda esta terra pululavam os duendes; e a rainha das fadas, com seu alegre séquito, frequentemente dançava em muitos dos verdes prados... era essa, pelo que posso ler, a antiga crença, pois falo de muitos séculos atrás. Hoje em dia, porém, ninguém mais pode ver esses duendes, e isso por causa da grande caridade e das orações dos mendicantes e dos outros santos frades, que, numerosos como as partículas de pó num raio de sol, esquadrinham todas as terras e torrentes, benzendo salões, câmaras, cozinhas, alcovas, cidades, burgos, castelos, torres elevadas, aldeias, celeiros, estábulos, leiterias... e dando sumiço às fadas. Por conseguinte, no lugar onde antes passava o gnomo, hoje quem passa é o próprio frade, a rezar as suas matinas e as suas coisas santas de tarde e de manhã, enquanto percorre a sua zona de esmolar. Agora as mulheres podem andar tranquilas por toda parte, pois o único incubo que encontram, sob as árvores ou atrás das moitas, é o bom frade. E ele por certo não lhes fará nenhum mal — exceto deflorá-las.

E deu-se então que o rei Artur tinha em sua corte um ardoroso jovem solteiro, que um dia, praticando a cetraria às margens de um rio, avistou uma donzela que caminhava à sua frente, sozinha como ao nascer. Sem perder tempo, não obstante tudo o que ela fez para resistir, ele arrebatou-lhe a virgindade. Essa violência fez chegar ao rei Artur tais clamores e tantos

apelos, que aquele cavaleiro foi condenado à morte pela justiça do reino. E teria sido imediatamente decapitado (ao que parece, era o que a lei então determinava), se a rainha e outras damas não tivessem interferido junto ao soberano, suplicando-lhe com insistência a graça. O rei por fim houve por bem atendê-las, entregando o culpado à esposa para que ela própria, a seu critério, decidisse se deveria viver ou morrer. A rainha agradeceu de modo efusivo ao marido, e um dia, quando a ocasião lhe pareceu oportuna, assim se dirigiu ao cavaleiro: “A sua situação ainda não lhe dá qualquer certeza de que tem salva a vida. Prometo-lhe, no entanto, livrá-lo da morte, se puder dizer-me o que é que as mulheres mais desejam. Cuidado! Não exponha o pescoço ao ferro do carrasco. Se ainda não souber, concedo-lhe um ano e um dia para que saia pelo mundo à procura de uma resposta satisfatória para a questão. E, antes que se vá, deverá jurar-me que há de voltar aqui, dentro do prazo, para se entregar”.

O cavaleiro, cheio de angústia, suspirava desconsolado. Mas... e daí? Nem tudo podia ser como queria. Assim sendo, achou enfim que era melhor partir, e retornar, dali a exatamente um ano, com a resposta que lhe provesse Deus. E despediu-se então, e se pôs a caminho. Inquiria em todas as casas e lugares, onde quer que tivesse esperança de encontrar mercê, a fim de descobrir o que as mulheres mais amam. Mas em parte alguma pôde achar duas criaturas que estivessem de acordo a esse respeito.

Diziam alguns que aquilo que mais amam as mulheres é a riqueza; diziam outros que a honra; e outros, que a beleza. Alguns afirmavam que o que elas mais querem são as belas roupas; outros, os prazeres do leito, enviuvando-se e casando-se muitas vezes. Alguns pensavam que o que mais nos alegra o coração são os elogios e os agrados... e, de fato, esses não

estavam longe da verdade: é com a adulação que os homens nos conquistam; e, grandes e pequenas, somos apanhadas com atenções e cortesias. Outros, porém, acreditavam que o que mais apreciamos é a liberdade, é fazer as coisas do nosso jeito, sem que nenhum homem venha apontar as nossas imperfeições, pois gostamos de ser consideradas inteligentes e espertas. Na verdade, quando nos pisam nos calos, todas nós gritamos, pois a verdade machuca: experimentem fazer isso, e verão que tenho razão. Por mais defeitos que possamos ter lá dentro, queremos sempre passar por perspicazes e puras. E alguns, enfim, achavam que nosso maior prazer é sermos tidas como pessoas discretas e confiáveis, que sempre se mantêm firmes em seus propósitos e que jamais revelam os segredos que nos contam... Mas essa história não vale uma ova. Por Deus, nós mulheres não sabemos guardar nada! Vejam o caso de Midas. Querem saber como foi?

Conta Ovídio, entre outras coisinhas, que Midas, sob os longos cabelos que lhe ornavam a cabeça, tinha duas orelhas de burro, defeito que escondia tão habilmente da vista alheia que ninguém sabia de sua existência, salvo sua mulher. E como ele a amava e tinha toda a confiança nela, havia-lhe pedido que não revelasse esta sua deformidade a criatura alguma. Ela jurou que não, que nem pelo mundo inteiro cometeria a vilania e a baixeza de expor seu marido ao ridículo — ainda mais que ela própria seria também atingida por essa vergonha. Parecia-lhe, entretanto, que ia morrer, só por ter que guardar um segredo por tanto tempo; parecia-lhe que o coração estava a ponto de estourar, e que ela só se livraria da angústia se deixasse escapar uma palavrinha. Como não ousava dizer nada para outro ser humano, correu, com o peito em chamas, para um pântano nas vizinhanças e, lá chegando, num baque igual ao da garça quando desce na lagoa, enfiou a boca na água e disse: “Não vá denunciar-me com o seu marulho, oh água. Vou contar só para você e ninguém mais:

meu marido tem duas longas orelhas de burro! Que alívio no coração, agora que pus isso para fora! Não dava mesmo para aguentar mais”. Como veem, podemos nos calar por algum tempo, mas depois nós temos que nos abrir. Não somos absolutamente capazes de guardar segredos. Quanto ao resto da história, leiam Ovídio,^[138] se tiverem curiosidade, e ficarão sabendo.

O cavaleiro, de quem fala especialmente este meu conto, vendo que não chegava a qualquer conclusão sobre a coisa que as mulheres mais desejam, sentiu abater-se o ânimo no peito entristecido, ainda mais que, como o prazo se esgotara, tinha que retornar sem mais delongas à corte. No caminho da volta, oprimido pela melancolia, passava ele por uma floresta quando avistou, de repente, um grupo de vinte e quatro damas, ou mais, dançando em círculo. Apressou-se em sua direção, na expectativa de encontrar ali a ajuda de que necessitava. No entanto, assim que alcançou o local, eis que as dançarinas se desvaneceram misteriosamente no ar. Nenhuma outra criatura vivente podia-se ver ali, a não ser uma velha, sentada na grama, feia como ninguém imagina outra igual. Prontamente levantou-se a megera e veio ao seu encontro, dizendo: “Senhor cavaleiro, aqui termina a estrada. Diga-me, por sua fé, o que procura, e talvez sua sorte melhore: os velhos sabem muitas coisas”.

“Ai, vovozinha”, respondeu o cavaleiro, “tudo o que posso dizer é que logo estarei morto, se não descobrir o que as mulheres mais desejam. Se revelar-me o que é, saberei recompensar o seu favor.”

“Então selemos o trato com um aperto de mãos”, retorquiu a velha. “Se jurar atender ao primeiro pedido que, em seguida, eu lhe fizer, desde que dentro do possível, hei de contar-lhe o que é, antes do anoitecer.”

“Tem a minha palavra”, assegurou-lhe o jovem. “Aceito.”

“Nesse caso”, prosseguiu ela, “posso garantir-lhe sem falsa modéstia que sua vida está salva, porque estarei a seu lado. Tenho certeza de que a rainha dirá a mesma coisa que eu. E entre as damas orgulhosas, usem elas capeiotes ou coifas, nenhuma ousará contradizer a resposta que lhe vou ensinar. Assim sendo, vamos adiante, sem mais palavras.” Então sussurrou ela uma frase ao ouvido do rapaz, e pediu-lhe que se alegrasse e não temesse mais nada.

De volta à corte, anunciou o cavaleiro que cumprira o prazo prometido e que estava preparado para dar a sua resposta. Muitas damas e muitas donzelas e muitas viúvas — que, de todas, são as mais entendidas — reuniram-se, sob a presidência da rainha, para o julgamento do cavaleiro, que foi a seguir convocado ao recinto. Depois que se impôs o silêncio, a rainha novamente indagou do cavaleiro, em pública audiência, o que é que as mulheres mais apreciam. Em vez de ficar parado, atônito como um idiota, ele de pronto respondeu à questão, com voz máscula, que toda a corte pôde ouvir:

“Majestade, de modo geral”, disse ele, “o que as mulheres mais ambicionam é mandar no marido, ou dominar o amante, impondo ao homem a sua sujeição. Ainda que me mate, digo que é esse o seu maior desejo. Vossa Majestade agora pode fazer comigo o que quiser: estou a seu dispor.”

Em toda a corte, nenhuma mulher casada, ou solteira, ou viúva discordou de sua afirmação; pelo contrário, todas declararam que o jovem merecia viver.

Ao ouvir tal sentença, ergueu-se de um salto a velha megera que o cavaleiro encontrara sentada na grama, e gritou: “Mercê, soberana rainha! Antes que se dissolva o tribunal, faça-me justiça! Fui eu quem ensinou a resposta ao cavaleiro e ele, em troca, deu-me a sua palavra de que atenderia ao primeiro pedido que, dentro do possível, eu lhe fizesse. Pois bem, senhor cavaleiro”,

prosseguiu a velha, “peço-lhe agora, perante a corte, que se case comigo, já que lhe salvei a vida. À fé, recuse-me, se eu estiver mentindo!”.

“Ai de mim, que desgraça!”, suspirou o cavaleiro. “Lembro-me muito bem daquilo que prometi. Mas, pelo amor de Deus, peça-me qualquer outra coisa, peça-me tudo que possuo, mas não me tire a liberdade!”

“De modo algum”, insistiu ela; “antes caia a maldição sobre nós dois! Posso ser feia e velha e pobre, mas, nem por todos os metais e minerais preciosos que se escondem no ventre da terra ou se espalham por sua superfície, eu perderia a oportunidade de ser sua esposa e seu amor.”

“Meu amor?!”, exclamou o rapaz. “Não, minha ruína! Ai, por que alguém de minha nobre estirpe tinha um dia que sofrer tamanha desventura?”

Tudo, porém, foi inútil. Não havia como fugir ao compromisso, e, no fim, foi ele obrigado a se casar, e a tomar a velha esposa, e a ir com ela para a cama.

Neste ponto, com certeza, algumas pessoas devem estar estranhando o meu descuido, pois deixei de descrever o regozijo e a pompa na festa de casamento. Mas a explicação é muito simples: é que, em lugar de regozijo e de festa, só houve aflição e tristeza. Ele a desposou pela manhã, em cerimônia íntima, e depois se escondeu, como uma coruja, pelo resto do dia. Estava, de fato, inconsolável, de tanto que a noiva era feia.

Sim, grande era o desconsolo do cavaleiro! Levado ao leito com a esposa, nada mais fazia que se debater e se revirar de um lado para outro. Sua consorte, sempre sorridente, disse-lhe então: “Oh, meu querido esposo, Deus que me abençoe! É assim que os cavaleiros se comportam com as noivas? É essa a praxe na corte do rei Artur? Todos os cavaleiros são tão indiferentes? Sou seu amor e sua esposa, salvei a sua vida e nunca lhe fiz nada de mal.

Por que então você se comporta assim em nossa primeira noite? Você age de modo tão estranho! Que fiz de errado? Diga-me, pelo amor de Deus, que, se possível, tudo farei para corrigir”.

“Corrigir!”, replicou o cavaleiro. “Ai, não! Não, é coisa que nunca se poderá corrigir! Você é tão repulsiva, e tão velha, e de procedência tão baixa, que não é à toa que não paro de contorcer-me e revirar-me. Quisera Deus que meu coração estourasse!”

“É essa a causa de sua inquietação?”, perguntou ela.

“Sim, claro! E lhe parece pouco?”

“Ora, meu senhor”, disse ela, “dentro de três dias, se eu quisesse, poderia corrigir tudo isso... E talvez até o faça, se me prometer mudar sua conduta.”

A seguir, continuou: “Mas já que você mencionou há pouco a nobreza que deriva das antigas posses, que é aquela em que se baseia toda a sua fidalguia, permita-me dizer-lhe que essa arrogância nada vale. Maior fidalgo deve ser considerado aquele que, em público e em particular, age sempre de maneira virtuosa, entregando-se constantemente à prática da bondade. Afinal, Cristo quer que busquemos nele a nossa nobreza, e não em nossos antepassados, com sua ‘riqueza antiga’; deles só podemos herdar a fortuna e o direito de reivindicar a nossa alta linhagem, mas não a sua conduta virtuosa, que lhes garantiu o renome da fidalguia e nos estimula a seguir o seu exemplo.

“Quem tratou magistralmente esse tema foi o sábio poeta de Florença, que se chamava Dante.^[139] Eis os versos em que expôs sua opinião:

‘A ação dos homens raramente sobe
Aos galhos altos, porque é Deus que envia
A ação que gera em nós a fidalguia.’

“Tudo o que recebemos de nossos antepassados são coisas temporais, que o homem pode ferir ou estropiar. E todos sabem,

tão bem quanto eu, que, se a fidalguia fosse algo que se plantasse de modo natural numa estirpe, essa família, de ponta a ponta, jamais deixaria, em público e em particular, de exercer as suas nobres funções... Não mais haveria baixeza ou vício.

“Tome, por exemplo, o fogo, e coloque-o no mais escuro antro que existe, daqui até o Cáucaso, feche todas as entradas e vá-se embora; assim mesmo o fogo arderá e brilhará como se estivesse sendo observado por vinte mil homens. Por minha alma, asseguro-lhe que desempenhará as suas funções naturais até extinguir-se. Você pode ver por aí como a nobreza não está vinculada à posse de heranças, pois, se estivesse, os herdeiros agiriam sempre de acordo com os princípios naturais da fidalguia, assim como o fogo segue os seus princípios naturais. Em vez disso, o que vemos é que, muitas vezes, os filhos dos nobres se conduzem de maneira torpe e vergonhosa. Quem deseja que sua fidalguia seja reconhecida apenas porque nasceu em berço ilustre e teve ancestrais dignos e virtuosos, e não faz esforço algum para se comportar ele próprio com nobreza, imitando os avoengos que se foram, seja ele duque ou conde, não demonstra a verdadeira fidalguia... Os atos pecaminosos de um vilão fazem só mais um vilão! Por isso, a sua nobreza não é mais que a reputação da magnanimidade de seus antepassados, uma virtude alheia ao seu temperamento. A nobreza legítima de fato vem de Deus apenas. É a sua graça que nos concede a fidalguia, não a herança que acaso nos é legada. Como foi nobre Túlio Hostílio,^[140] que da pobreza subiu à mais alta dignidade — se é que podemos confiar no testemunho de Valério! Leia Sêneca, e leia Boécio também: neles há de ver, claramente, que só é nobre quem pratica nobres feitos. Em vista de tudo isso, amado esposo, eis minha conclusão: ainda que meus ancestrais tenham sido humildes, Deus altíssimo há de garantir-me a graça, que almejo, de viver virtuosamente. Assim vivendo, e evitando o pecado, será minha a verdadeira fidalguia.

“Quanto à pobreza que você reprova em mim, o próprio Deus altíssimo, no que nós acreditamos, escolheu viver na Terra em pobreza voluntária; e, por certo, todos os homens, donzelas e mulheres compreendem que Jesus, o rei dos céus, jamais escolheria para si uma forma de vida condenável. Honrada coisa é, sem dúvida, a despreocupada pobreza — como já o disseram Sêneca e muitos outros sábios. Quem se contenta com a sua pobreza, mesmo que não tenha uma camisa para vestir, eu considero rico. Pobre é o ambicioso insatisfeito, que cobiça o que está fora de seu alcance; rico é quem não tem nada e nada deseja, ainda que a nossos olhos não passe de um servo. A verdadeira pobreza sabe cantar. Eis o que, a esse respeito, afirma Juvenal:
[141]

‘O pobre vai alegre pela estrada,
E diante do assaltante dá risada.’

“A pobreza é um bem indesejável, mas, pelo que sei, pode livrar-nos de grandes aborrecimentos; é também um poderoso estímulo da sabedoria, para quem a suporta com paciência. Embora pareça mísera, a pobreza é propriedade que ninguém contesta; graças à pobreza o homem, quando humilde, conhece melhor a Deus e a si próprio; a pobreza, para mim, é um par de óculos que nos permite ver os verdadeiros amigos. Por isso, meu marido, já que nenhum agravo lhe faço, não recrimine nunca mais minha pobreza.

“Você também critica-me a idade. Ainda que nenhuma autoridade tivesse abordado o assunto em nenhum livro, basta a fidalguia de espírito para ensinar que se deve respeitar o idoso, chamando-o educadamente de ‘pai’... Mas, pelo que sei, há muitos que escreveram sobre isso.

“Assim mesmo, você me acusa de feia e de velha. Você então deveria alegrar-se, visto que não precisa ter nenhum receio de um dia ser corneado, pois, por minha alma, a velhice e a sujeira são

formidáveis guardiãs da castidade. Não obstante, como não ignoro os seus desejos, prometo fazer de tudo para satisfazer-lhe o apetite.

“Escolha agora”, concluiu ela, “uma destas duas coisas: ou ter em mim uma mulher feia e velha até o fim de seus dias, mas humilde, fiel e sempre disposta a agradá-lo a vida inteira; ou ter em mim uma esposa jovem e atraente, correndo o risco de ver-me receber constantes visitas em sua casa... ou, conforme o caso, em algum outro lugar. Vamos lá, escolha o que prefere.”

Dando suspiros profundos, fez o cavaleiro as suas ponderações consigo mesmo; por fim, disse o seguinte: “Minha senhora e meu amor, minha esposa querida, prefiro confiar em seus sábios critérios. Escolha você mesma a alternativa mais agradável e mais honrosa para nós dois. Seja ela qual for, aquilo que lhe aprouver irá aprazer a mim”.

“Como você permite que eu escolha e decida como quiser”, perguntou ela, “não estaria reconhecendo que quem deve mandar sou eu?”

“Sim, claro, meu bem”, respondeu ele. “Acho melhor assim.”

“Beije-me”, exclamou ela. “Nunca mais brigaremos. Dou-lhe minha palavra de honra: de agora em diante serei para você as duas coisas, isto é, serei bonita e boa. Que eu morra doida varrida, se eu não for a esposa mais fiel e mais encantadora que já existiu no mundo desde que ele começou. E, se até amanhã cedo eu não me tornar formosa mais que qualquer dama, rainha ou imperatriz que possa haver entre o ocidente e o oriente, disponha de minha vida e minha morte como bem lhe parecer. Agora levante a cortina e veja o que aconteceu!”

E quando o cavaleiro olhou, e viu que de fato ela se transformara numa jovem deslumbrante, envolveu-a em seus braços, transbordante de alegria; sentiu banhar-se seu coração em felicidade; beijou mil vezes a esposa, enquanto ela, de bom

grado, se submetia a tudo que lhe pudesse dar gozo ou prazer. E assim viveram eles até o fim de suas vidas, sempre em perfeita harmonia.

Que Jesus Cristo mande a nós também maridos dóceis, jovens e fogosos na cama... e a graça de podermos sobreviver a eles! E também rogo a Jesus que encurte a vida dos homens que não se deixam dominar por suas mulheres, e que são velhos, ranzinzas e avarentos... Para esses pestes Deus envie a Peste!

Aqui termina o Conto da Mulher de Bath.

Notas

130. Trata-se de São Paulo. (N. do T.)

131. Lameque: neto do bisneto de Caim. Homem de caráter duvidoso, protagonista do primeiro caso de bigamia registrado na Bíblia (Gênesis, 4, 17-26). (N. da E.)

132. Cf. Provérbios de Salomão, 30, 21-3. (N. do T.)

133. Episódio relatado por Valério Máximo (*Facta et dicta memorabilia*, VI, 3, 9). Esse historiador latino é, a seguir, mencionado explicitamente no texto, embora apenas como Valério. (N. do T.)

134. São duas obras independentes: a *Epistola Valerii ad Rufinum de non Ducenda Uxore* (“Epístola de Valério a Rufino sobre por que o homem não deve se casar”), de Walter Map; e o *Liber De Nuptiis* (“Livro sobre o matrimônio”), de Teofrasto (que voltará a ser citado no “Conto do Mercador”). Além destes, outro texto lembrado pela Mulher de Bath é a *Epistola Adversus Jovinianum* (“Epístola contra Joviniano”), de São Jerônimo.

Também os autores arrolados a seguir escreveram sobre a mulher e o casamento, inclusive as duas únicas representantes do sexo feminino: Trótula, doutora da Escola de Medicina de Salerno no século XI, e Heloísa, muito conhecida por seu relacionamento com Abelardo. (N. do T.)

135. Numa fábula de Esopo, um leão, ao lhe mostrarem um quadro onde outro leão está sendo morto por um homem, pergunta: “Quem pintou o leão?”. Quer dizer com isso que, se, em vez de um homem, o autor do quadro tivesse sido um leão, o desfecho seria outro. (N. do T.)

136. Apaixonou-se por um touro branco, com quem teve um filho, o Minotauro (cf. Ovídio, *Ars Amatoria*, I, 295 ss.). A maioria dos casos mencionados em seguida, como os de Lúvia, Lucília e Latúmio, vem da *Espistola Valerii* de Walter Map. (N. do T.)

137. Rainha de Micenas, cidade no Peloponeso, e esposa do rei Agamenon. Deu quatro filhos a Agamenon: Electra, Ifigênia, Orestes e Crisótemis. Depois que Agamenon sacrificou Ifigênia de modo que seus navios pudessem navegar até Troia, o amor de Clitemnestra por seu marido transformou-se em ódio; enquanto o marido comandava as forças gregas na Guerra de Troia, ela tornou-se amante de Egisto. Quando Agamenon retornou em triunfo trazendo consigo a princesa troiana Cassandra, Clitemnestra procurou vingança pela morte de Ifigênia e, com a ajuda de Egisto, matou ambos, o marido e sua ama troiana. (N. da E.)

138. Nas *Metamorfoses* de Ovídio (XI, 174 ss.), a relva repete o segredo aos ventos, que espalham a notícia. Só que a história se passa com o barbeiro de Midas, não com sua mulher. (N. do T.)

139. Ver *Purgatório* (VII, 121 ss.) e o 4º Tratado do *Convívio* (capítulos 3, 10, 14 e 15). (N. do T.)

140. Um dos reis de Roma, Tullius Hostilius, bravio amante da guerra. (N. da E.)

141. Cf. *Sátiras*, X, 21. (N. do T.)